



20° CONGRESSO
BRASILEIRO DE
**Infectologia
Pediátrica**
DE 14 A 17 DE NOVEMBRO • SALVADOR/BA

Trabalhos Científicos

Título: Vírus Respiratórios Isolados Em Pacientes Pediátricos Durante A Sazonalidade De 2018 Em Feira De Santana-Bahia

Autores: Normeide Pedreira dos Santos Franca; Bruna Kérssia Oliveira de Carvalho; Maricelia Maia de Lima; Francisca Lucia Oliveira da Silva; Neuza Santos de Jesus Silva

Resumo: Introdução: Infecções respiratórias virais são mais frequentes no outono e inverno e as crianças apresentam maior risco para complicações e óbito. A vacinação anual contra a Influenza é disponível, mas não há vacinas para outros vírus respiratórios. Objetivos: Conhecer a prevalência dos vírus respiratórios isolados em crianças e adolescentes hospitalizadas durante a sazonalidade de 2018 e suas características clínicas e epidemiológicas. Metodologia: Estudo de corte transversal, utilizando dados do banco de dados Influenza web no município de Feira de Santana-Bahia entre janeiro e agosto de 2018 (semanas epidemiológicas 1 a 34). A população do estudo correspondeu a todos os pacientes de zero a 19 anos internados no período com suspeita de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG). Foram analisadas variáveis epidemiológicas (sexo, idade, procedência, vacinação contra influenza) e clínicas (febre, tosse, dor na garganta, dispneia, mialgia, desconforto respiratório, comorbidades, admissão em UTI e desfecho clínico). Resultados: No período, foram internados 100 pacientes com suspeita de SRAG. Destes, 62 foram pacientes pediátricos, correspondendo a 62% das admissões. Predominou o sexo masculino (56,5%) e 91,9% foram procedentes de área urbana. Os recém-nascidos representaram 17,8% das internações; 54,8% tinham um a 12 meses de idade, 21% entre 2-5 anos, 3,2% entre 6-11 anos e 3,2% foram adolescentes. Quanto à vacinação contra influenza: 14 vacinados (22,6%), 34 não vacinados (54,8%) e ausência de informação para 14 pacientes (22,6%). O Vírus Sincicial Respiratório (VSR) foi isolado em 62,9% dos casos, Influenza A H1N1 em 12,9% e para 24,2% o agente não foi isolado. Em relação às variáveis clínicas, 93,5% tinham tosse, 83,8% febre, 77,4% desconforto respiratório, 62,9% dispneia, 33,9% com saturação de Oxigênio <95% e 14% dor na garganta. Outros sintomas foram raros: cianose (1), convulsão (1), vômitos (4), inapetência (1), prostração (1), diarreia ou dor abdominal (5), cefaleia (1), artralgia (1), coriza (1). Seis pacientes (9,7%) tinham comorbidades crônicas: pneumopatia, imunodeficiência, neuropatias (2), nefropatia e Síndrome de Down. Não foi necessário suporte ventilatório para 35 pacientes (56,6%), dez usaram suporte ventilatório invasivo (16%), e 17 usaram método não invasivo (27,4%). O exame radiológico de tórax foi normal em 14 casos e alterado em 22, sendo: 18 com infiltrado intersticial, consolidação em dois, um com padrão misto e seis com outro padrão; um paciente não realizou o exame e para 18 não havia informação. Doze pacientes foram admitidos em UTI (19,4%); três entre aqueles com doenças crônicas evoluíram a óbito e 56 receberam alta por cura. Para três pacientes a informação estava ausente. Conclusões: A internação foi mais frequente no primeiro ano de vida (72,6%); o VSR foi o mais prevalente entre os isolados; complicações graves com indicação de UTI foram frequentes e a mortalidade foi de 4,8%, restrita àqueles com comorbidades.